

6 de junho de 2018

59ª Convenção dos Nikkeis e Japoneses no Exterior Palestra Comemorativa

Honolulu - Havaí

Shinichi Kitaoka

Primeiramente, gostaria de expressar os meus votos de sinceras congratulações pela realização da 59ª Convenção dos Nikkeis e Japoneses no Exterior.

Estou muito feliz pela presença de quase 300 participantes de mais de 15 países que se reuniram aqui no Havaí, solo que recebeu o primeiro grupo de imigrantes japoneses há 150 anos.

1. O Encontro com o Sr. Ninomiya e Sr. Fujita

O meu primeiro encontro com um Nikkei residente no exterior foi há 40 anos, em 1973. Eu fazia pós-graduação na Universidade de Tóquio, quando um professor me chamou para conhecer dois intercambistas que vieram do Brasil.

O Governo brasileiro enviou esses dois jovens com o intuito de formar especialistas sobre o Japão.

Um deles era o diplomata Fujita (Edmundo Sussumu Fujita), o outro o Sr. Masato Ninomiya, um acadêmico iniciante. Eu fui o tutor de língua Japonesa do Sr. Fujita.

No Brasil, o status social de um diplomata é muito alto. Antes dele, havia muitos Nikkeis que se tornaram médicos, mas nenhum conseguiu se tornar diplomata. O Sr. Fujita quebrou essa barreira com excelentes rendimentos escolares e tornou-se diplomata. Mais tarde, ele foi promovido para o cargo de embaixador na Indonésia e na Coréia do Sul. Infelizmente, ele faleceu há alguns anos atrás.

Agora sobre o Sr. Ninomiya. Naquela época, talvez, defender a tese de doutorado da Universidade de Tóquio era a mais difícil do mundo. Isso porque era preciso estudar completamente as leis da Alemanha, França, Reino Unido e Estados Unidos, nas quais a lei japonesa se baseia, e depois estudar a lei japonesa, e ainda por cima, mostrar originalidade. Antes, havia estudantes da Coréia do Sul e Taiwan que defenderam tese de doutorado, mas nenhum de países de escrita não chinesa (Kanji). O Sr. Ninomiya foi o primeiro, um feito que só poderia ser alcançado por um gênio que fez um imenso esforço.

O Sr. Ninomiya não só obteve sucesso como professor da Universidade de São Paulo e também como advogado, mas não há exagero em dizer que todos que se envolveram nas relações entre o Japão e Brasil receberam ajuda do Sr. Ninomiya.

Esses dois senhores realizaram um feito esplêndido. Mas gostaria de ver mais pessoas seguindo os seus passos. Nós da JICA iremos nos esforçar para que tenham mais pessoas capazes de continuarem essa história.

2. Sobre Kiyosawa

Também. Estive envolvido com os Nikkeis e japoneses no exterior, quando escrevi a biografia de Kiyoshi Kiyosawa em 1987. Kiyosawa foi o melhor crítico de relações diplomáticas antes da segunda guerra mundial e criticou a diplomacia japonesa da era de Showa (1926 – 1989) com seus discursos afiados e realistas.

Kiyosawa foi para os Estados Unidos em 1905 com 16 anos. Nascido em uma família humilde, não conseguiu ingressar na universidade, então começou a frequentar uma pequena escola da igreja cristã perto de sua casa. Lá ele foi fortemente influenciado pelo cristianismo, e com o desejo de fortalecer sua fé religiosa e estudar mais, ele foi para Seattle em 1905.

Período em que Kiyosawa viajou para os Estados Unidos correspondia a um aumento dos movimentos anti-imigração na costa oeste Kiyosawa teve muitas dificuldades para ir à escola, porém, conseguiu emprego em um jornal japonês, e lá teve o reconhecimento de seus artigos e teve uma boa reputação. Com isso, teve o desejo de escrever para mais leitores japoneses, e retornou ao Japão em 1918.

Kiyosawa se tornou um repórter de jornal, depois um crítico, e começou a viajar para a Coreia e a Manchúria. E lá ele percebeu que a base das atividades dos japoneses não era muito sólida. Nos Estados Unidos, os japoneses tinham base sólida e eram ativos, sem qualquer assistência do Governo Japonês.

Em comparação, as atividades dos japoneses da Coreia e da Manchúria estavam em risco sem o apoio do Governo Japonês.

Desse ponto de vista, Kiyosawa criticava a expansão do Japão na China Continental nos anos 1930. Ele se baseava na imagem dos imigrantes japoneses que conseguiram abrir caminhos a partir do esforço próprio, sem depender do Governo.

Através da minha pesquisa sobre Kiyosawa, percebi dolorosamente a importância dos jornais de língua japonesa em países estrangeiros. É por isso que gostaria de expressar

meu mais profundo respeito a todas as pessoas que continuaram publicando jornais em língua japonesa no exterior.

3. O significado da restauração Meiji e a imigração japonesa

Este ano, 2018 marca o 150º aniversário da Restauração Meiji, que também acontece de ser o 150º aniversário de quando 153 imigrantes japoneses viajaram a bordo do Scioto e pisaram pela primeira vez as terras do Havaí.

Como o tema desta convenção é "Compartilhar o legado mundial do Nikkei para o futuro - Comemorando o 150º aniversário do GANNENMONO no Havaí", gostaria de comemorar de coração essa ocasião no Havaí, que é o primeiro local de emigração

Quando a era Meiji terminou, muitas pessoas falaram sobre o significado daquela era. Aos 26 anos, Taizan Ishibashi - que mais tarde se tornaria o primeiro-ministro - disse: "A realização mais significativa da era Meiji não foi a vitória da guerra sino-japonesa ou da guerra russo-japonesa, ou a expansão das colônias japonesas, mas foi a reforma democrática que ocorreu em todos os sistemas e pensamento na política, direito e sociedade." E eu concordo plenamente com essa afirmação.

A grandeza não foi a vitória em si, mas o fato de que o país construiu a força para ser vitorioso em apenas 30 anos após a restauração Meiji.

Em 1871, apenas três anos após a restauração imperial, o governo Meiji aboliu todos os feudos, incluindo os feudos Satsuma e Choshu, que foram fundamentais para derrubar o xogunato. Mais tarde também aboliu a classe samurai. Em 1885, Hirobumi Ito, aos 44 anos de idade, tornou-se o primeiro primeiro-ministro da nação. Na era Edo (1603–1868), sua herança e status como soldado de infantaria de baixo escalão nem sequer lhe permitia falar sobre política.

Em suma, a transformação da restauração Meiji ao estabelecimento do sistema de gabinete foi uma revolução democrática que aboliu as classes privilegiadas com interesses estabelecidos e reuniu toda a energia do povo para lidar com o mundo ocidental. Também se pode dizer que foi uma revolução em termos de participação da população na política do país.

Houve também reformas significativas nas áreas econômicas e sociais. A população agora teria liberdade para escolher sua profissão e o comércio exterior se expandiu devido à dramática desregulamentação. O sistema de educação obrigatória foi introduzido, ultrapassando a barreira do sistema de classes.

A grandeza da era Meiji foi a capacidade de demonstrar a energia livre do povo japonês através da abertura do país e reformas democráticas.

Um exemplo de como desencadear a energia livre das pessoas foi como, começando pelo Havaí, os primeiros japoneses emigraram para a América do Norte, Central e do Sul e Ásia para construir novas sociedades civilizadas em conjunto com outros imigrantes.

A filosofia básica, tanto do nosso Museu da Migração Japonesa em Yokohama, como do Museu Histórico da Migração Japonesa no Brasil, é “Nós participamos do novo mundo”. A frase é uma analogia feita pelo Sr. Tadao Umesao, Diretor Geral do Museu Nacional de Etnologia, à frase “Nós acreditamos nesta terra”, filosofia básica da comemoração de 150 anos da imigração alemã ao Brasil. Colocamos um significado de civilização histórica para os emigrantes japoneses que desempenharam um papel importante na formação de novas civilizações.

Podemos dizer que os imigrantes japoneses, como manifestação da energia de liberdade do povo de Meiji, contribuem para a formação de uma nova civilização em uma nova terra.

Em 150 anos de imigração, obviamente como todos sabem, houve dificuldades que nem podemos imaginar. Muitas vezes, enfrentaram situações severas, como desastres naturais ou doenças, como a Malária.

No passado, visitei o cemitério japonês localizado em Colorado. Onde vi uma lápide não apenas com as informações da pessoa falecida, mas também de seus pais. A partir dessas informações soube que a família saiu de Hiroshima, atravessou o Oceano Pacífico até o Havaí para depois chegar às terras norte-americanas, onde se estabeleceu muito bem na Costa Oeste. Durante a guerra fora enviado para o campo de concentração de Amache. Com o fim da guerra foi liberado, porém escolheu as terras de Colorado para descansar eternamente. Muito me comoveu ao saber de suas dificuldades durante sua longa jornada.

No entanto, muito dos imigrantes e descendentes japoneses superaram as diversas dificuldades, contribuindo para o desenvolvimento do país onde emigraram, conquistando forte confiança de cada país receptor. Como japonês, sinto muito orgulho de como estas ações resultaram na formação de uma sociedade compreensiva e familiar com o Japão.

4. Descendentes japoneses e o Japão

Passados 150 anos, existem 3,6 milhões de descendentes japoneses no mundo todo.

Durante esses 150 anos, vários descendentes japoneses foram e continuam sendo ativos em diversos ramos, tais como, políticos, acadêmicos, negócios, esportes e entretenimento, começando por Daniel Ken Inoue, nascido no Havaí como Nissei (segunda geração de descendentes japoneses). Ele foi o primeiro Nipo-Americano a se tornar membro da Câmara e do Senado, onde atuou no Senado por quase 50 anos.

Durante a guerra do pacífico, os japoneses e descendentes foram isolados em campos de concentração nos Estados Unidos e também na América Latina. O Japão ofereceu ajuda, enviando livros e comida através da Cruz Vermelha do Japão.

Em contrapartida, após a derrota na Segunda Guerra em 1945, os descendentes japoneses residentes nos Estados Unidos e na América Latina, preocupados com a situação do Japão, enviaram alimentos, como leite em pó e roupas através da LARA (Agências licenciadas para assistência na Ásia).

Para demonstrar gratidão por esse esforço, foi realizada em maio de 1957, a Convenção da Amizade Nikkei celebrando a união das Nações Unidas, ou a primeira Convenção dos Nikkeis e Japoneses no Exterior.

No dia 11 de março de 2011, aconteceu o sismo e tsunami de Tohoku, uma catástrofe sem precedentes. Neste ocorrido também recebemos assistência de diversos países, assim como apoio financeiro e produtos das sociedades Nikkeis, cujo apoio continua até os dias de hoje.

A origem da Cooperação Internacional está na conexão de “cuidar” e “ser cuidado” mesmo estando longe, e me sinto orgulhoso por termos construído esse ponto de partida junto com os descendentes japoneses.

Em fevereiro do ano passado estive na Argentina e no Brasil, e troquei opiniões junto à sociedade Nikkei.

Em especial no Brasil, no lar de idosos em Santos, onde o primeiro navio Kasatomaru aportou, em 1908, ouvi várias histórias de dificuldades dos moradores daquele lar.

Visitei também a Colônia de Tomé-Açú, situada na região amazônica, e fiquei muito impressionado ao ver o desenvolvimento daquela cidade, que é o resultado da cooperação entre os descendentes japoneses e a Cooperativa Agrícola, numa terra tropical diferente do Japão.

5. Perspectiva política para os descendentes japoneses da JICA

Nós, a Agência de Cooperação Internacional do Japão, JICA, promovíamos a emigração para a América Latina pós-guerra junto com o governo e as províncias.

Nossas atividades atuais no apoio às sociedades Nikkeis incluem, primeiramente, assistência médica para idosos e bem-estar; em segundo, apoio ao desenvolvimento humano para os Nikkeis principalmente através do ensino da língua japonesa; e, em terceiro, a disseminação de conhecimento sobre a migração para o exterior, utilizando o Museu da Imigração Japonesa como base, realizamos atividades de conscientização pública e relações com migração no exterior e sociedade Nikkeis, além de pesquisas acadêmicas.

Por exemplo, enviamos voluntários ou aceitamos estagiários para as áreas das quais recebemos muitas solicitações, como professores da língua japonesa, enfermeiras, cuidadores de idosos, beisebol, judô, vôlei, atividades relacionadas a cultura japonesa como Yosakoi Soran, vestimenta de quimonos e orientação de Koto (instrumento japonês).

Também convidamos jovens do ensino fundamental, médio e superior ao Japão, para estudarem durante um mês e conhecerem o dia a dia dos jovens estudantes japoneses. No caso de estudantes de pós-graduação, oferecemos oportunidades de bolsa de estudos.

Após o treinamento ou estudo, os participantes aproveitarão essas experiências em seus países. Já temos alguns registros de que ex-bolsistas do Brasil ou do México se tornaram peritos Nikkeis e participaram de projetos da JICA apoiando um terceiro país.

O Museu da Migração Japonesa em Yokohama exibe materiais coletados sobre a história e estilos de vida de japoneses e Nikkeis que migraram para países ao redor do mundo e também distribui informações através de revistas eletrônicas. Além disso, estamos tentando reproduzir exposições do Museu em cada província japonesa, com o intuito de aumentar o interesse da população pela história da migração.

Recentemente, realizamos uma exposição em Yokohama sobre a migração do povo da província de Fukuoka, essa mesma exposição foi reproduzida tanto no museu da própria província, assim como no Encontro do povo da província de Fukuoka, realizado no México, onde conseguimos transmitir a extraordinária história do povo de Fukuoka.

O Primeiro-Ministro Abe visitou a América Latina em 2014 e 2016, e ressaltou a importância do fortalecimento da parceria com a sociedade Nikkei. Em 2017, sob a direção do Ministro dos negócios estrangeiros do Japão, foi realizada a "Reunião de

especialistas sobre os laços com a sociedade Nikkei na América Latina”, na qual participei das discussões como membro do comitê junto com os acadêmicos, o presidente da Associação nacional dos governadores, e membros da Federação das Indústrias do Japão.

À luz dessas discussões, a JICA pretende tornar suas atividades existentes ainda mais atraentes, não apenas fortalecendo os laços com a sociedade Nikkei, mas aumentando o número de pessoas não descendentes pró-Japão através das sociedades Nikkeis.

Concretamente estamos pensando da seguinte forma:

Em primeiro lugar, fortalecer a rede entre os museus das sociedades japonesas no mundo e o Museu da Migração Japonesa da JICA. Iremos nos esforçar para que mais pessoas possam ter acesso aos materiais.

Em seguida, fazer uma parceria com as universidades para que possam ser incluídas no currículo escolar matérias sobre a história do desenvolvimento e a evolução dos tempos modernos do Japão, e em seguida transmitir esses conteúdos para várias regiões do mundo em idiomas como inglês e espanhol.

Adicionalmente, para a expansão ao exterior as empresas nikkeis que conhecem a real situação dos países serão parceiros importantes. A JICA irá incentivar ainda mais a conexão de rede entre as empresas japonesas e as empresas Nikkeis.

6. Por último

Em 2017, a JICA estabeleceu uma nova visão com o lema “unindo o mundo com laços de confiança”. Confiança é o conceito fundamental da cooperação para o desenvolvimento do Japão. Promovemos a confiança com uma ampla gama de parceiros, tanto no Japão quanto no exterior, colocando-nos no lugar dos nossos parceiros e pensando junto a eles. A JICA explorará os vários potenciais de pessoas, países e empresas privadas para que seja possível acreditar em um futuro melhor, onde seja possível buscar diversas possibilidades, como também construir um mundo livre e pacífico.

A JICA pretende construir um mundo onde as pessoas e os países possam estar unidos por laços de confiança.

Esperamos unir o mundo através da confiança, da mesma forma que os Nikkeis fizeram durante várias gerações em diversos países. Portanto, nosso parceiro mais importante é a sociedade Nikkei.

A propósito, há um exemplo interessante ocorrido recentemente como um exemplo de uma avaliação positiva para o Japão.

Há dois anos, o presidente egípcio me visitou e disse que queria fazer 200 escolas primárias iguais às japonesas. Eu perguntei se ele estava certo disso, no Japão os próprios alunos limpam as escolas. No que ele respondeu que isso era o correto e que era isso mesmo que ele queria.

Quando eu retornei ao Egito este ano, a escola experimental já estava em funcionamento, onde reuniões de classe, aulas de música, aulas de educação física, lições de economia doméstica eram admiravelmente operadas. Havia locais para lavar as mãos com sabonetes e as crianças limpavam os corredores. Disse ao presidente que estava muito impressionado e ele me disse que queria muito conseguir finalizar esse projeto e aproveitou para solicitar o envio de 200 diretores japoneses ao Egito. Deixei o local dizendo que seria melhor tentar com os diretores egípcios, mas fiquei muito satisfeito pelo fato de que a disciplina nas escolas japonesa é bem avaliada.

Em 1905, quando o Japão venceu a Guerra Russo-Japonesa, o estadista Aritomo Yamagata disse que o Japão ganhou da Rússia por ter estudado bem a civilização ocidental, enquanto a Rússia não fez o mesmo. Ele acrescentou que a vitória não indicava a superioridade fundamental do Japão e que o Japão não deveria ser arrogante e precisava se esforçar ainda mais. No entanto, desde a vitória russo-japonesa, o Japão tornou-se confiante demais, o que levou à derrota na Guerra do Pacífico.

No final dos anos 80, o Japão estava experimentando um pico em termos de prosperidade econômica, e muitas pessoas acreditavam que não havia mais nada a aprender com outros países. Esse tipo de arrogância levou à desaceleração econômica. Estamos atualmente no processo de sair dessa recessão, mas ainda não estamos completamente fora disso.

No entanto, a força fundamental do Japão que impressionou o presidente do Egito ainda está bem viva. Agora é a hora de lembrar a restauração Meiji de 150 anos atrás e começar um passo dinâmico. Nós devemos sempre ter o povo Nikkei no exterior vendo seu país natal como um grande país. No 150º aniversário da restauração Meiji e do 150º aniversário da emigração japonesa, acredito que o Japão deve recordar a energia que já teve, e envidar todos os esforços para atender às expectativas dos Nikkeis e do povo japonês no exterior.

FIM